



GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) - Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal 'real'; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

História de onça: um exercício de etnoecologia simétrica

Autoria: Felipe Sussekind Viveiros de Castro

A palavra 'onça', em português, designa em geral duas espécies diferentes de felinos, bem diferentes entre si em termos biológicos: a onça-pintada, ou jaguar (*Panthera onca*) e a onça-parda, também chamada de puma, ou suçuarana, entre outros nomes populares (*Puma concolor*). Esta apresentação tem como referencial empírico uma experiência etnográfica realizada em fazendas do sul do Pantanal, envolvendo uma série de depoimentos e entrevistas de vaqueiros e moradores locais. O que se propõe investigar é o modo como as onças são classificadas e descritas, tanto em termos de suas relações entre si quanto em termos de suas relações com os seres humanos. Neste ponto, chama atenção o modo como a descrição local está ligada ao mundo vivido dos vaqueiros, envolvendo articulações, muitas vezes ambíguas, entre o manso e o brabo, o doméstico e o selvagem. Características físicas (elementos cromáticos), comportamentos e hábitos de cada espécie se articulam, neste caso, em percepções complexas do ambiente e do mundo social. Uma referência importante para este work, em termos teóricos, é a análise que Lévi-Strauss faz das narrativas míticas envolvendo os personagens do lince e do coiote em História de Lince, com a ideia de um par de opostos formulada nos termos de um dualismo em perpétuo desequilíbrio. Pretende-se abordar também a simetria entre as o papel socioecológico das onças nas narrativas pantaneiras, de um lado, e na literatura conservacionista, de outro, tomando como referência, neste caso, a noção de antropologia simétrica tal como formulada por Bruno Latour, e buscando refletir sobre a interação entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

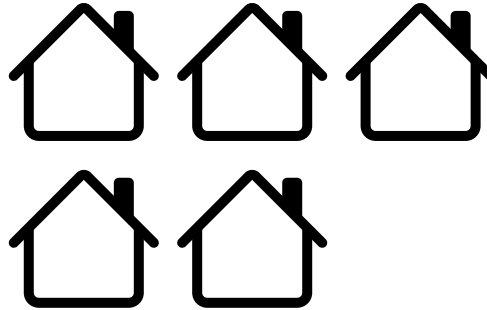
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

